

CIRCULAR TÉCNICA Nº25

ISSN 1516-411x
Junho, 2000

***Produção de carne
em pastagens adubadas***

Luciano de Almeida Correa

Embrapa

Pecuária Sudeste

Embrapa Pecuária Sudeste. Circular Técnica, N° 25

Exemplares desta publicação podem ser solicitados a:

Embrapa Pecuária Sudeste

Rod. Washington Luiz, km 234

Caixa Postal 339

Telefone (0xx16) 261-5611 Fax (0xx16) 261-5754

13560-970 São Carlos, SP

E-mail: sac@cppse.embrapa.br

Tiragem desta edição: 3.000 exemplares

Comitê de Publicações:

Presidente: Edison Beno Pott

Membros: Armando de Andrade Rodrigues

Carlos Roberto de Souza Paino

Rui Machado

Sônia Borges de Alencar

Editoração Eletrônica: Maria Cristina Campanelli Brito

Corrêa, Luciano de Almeida.

Produção de carne em pastagens adubadas / Luciano de Almeida Corrêa. __ São Carlos : Embrapa Pecuária Sudeste, 2000. 25p.; 21cm. __ (Embrapa Pecuária Sudeste. Circular Técnica, 25).

1. Pastagens adubadas - Produção de carne. I. Título. II. Série.

633.2

Sumário

	Pág.
Introdução.....	04
Calagem	08
Adubação com Fósforo (P)	10
Adubação com Potássio (K)	11
Adubação com Enxofre (S)	11
Adubação com Nitrogênio (N)	12
Adubação com Micronutrientes.....	13
Manejo das Pastagens nas Águas	14
Produção de Bovinos de Corte em Pastagens.....	16
Estratégias de Manejo na Seca.....	18
Referências Bibliográficas	22

Introdução

As pastagens constituem-se na forma mais prática e econômica de alimentação de bovinos, sendo que o Brasil, pela extensão da sua área territorial e pelas condições climáticas favoráveis, apresenta enorme potencial de produção de carne a pasto. O Brasil é um país tropical, que possui a maior proporção de sua área situada entre as linhas do Equador e do Trópico de Capricórnio, região do globo caracterizada por temperaturas médias anuais elevadas e portanto favorável ao cultivo de gramíneas forrageiras tropicais, do tipo C_4 , as quais possuem elevada taxa fotossintética, com produtividade muito superior à das forrageiras de clima temperado.

A Tabela 1 mostra as áreas de pastagens nas diferentes regiões do Brasil, na qual se verifica que as pastagens cultivadas vêm ocupando área cada vez mais significativa. Todavia, a maioria das pastagens está localizada na região dos Cerrados do Brasil Central, em áreas de baixa fertilidade natural, que vêm sendo exploradas de maneira extrativista e, como conseqüência, estão em processo de degradação. A Tabela 2 mostra as características químicas mais importantes de fertilidade dos solos dos Cerrados. Verifica-se que os solos são caracterizados pelos baixos níveis de matéria orgânica, fósforo e saturação por bases, e pelos elevados níveis de acidez e saturação de alumínio.

Atualmente, a degradação das pastagens é um dos maiores problemas da pecuária brasileira, por ser esta desenvolvida basicamente a pasto, afetando diretamente a sustentabilidade do sistema produtivo.

Tabela 1- Área de pastagens cultivadas e total (cultivada + nativa) em 1970 e 1985, e cultivadas em 1995 (estimativa), nas diferentes regiões do Brasil (em 1.000 ha).

Regiões	1970		1985		1995
	Cultivada	Total	Cultivada	Total	Cultivada
Norte	638	4.428	9.122	20.877	20.000
Nordeste	5.751	27.875	11.866	35.149	14.000
Sudeste	10.663	44.739	16.723	42.187	20.000
Sul	3.637	21.613	6.142	21.433	8.000
Centro-Oeste	9.073	55.483	30.252	59.244	43.000
TOTAL	29.782	154.138	74.105	179.190	105.000

Fonte: Zimmer & Euclides Filho (1997).

Tabela 2 - Características químicas da camada arável dos solos dos Cerrados.

Características químicas	Classes de Solos		
	Latossolos	Podzólicos	Areias Quartzosas
pH (H ₂ O)	4,5 – 5,2	5,0	5,2
M.O. (g/dm ³)	10 – 46	17	10
Ca + Mg (mmol/dm ³)	2 – 57,0	7,0	4,0
K (mmol/dm ³)	0,2 – 4,0	1,0	1,0
P (mg/dm ³)	0,5 – 3,4	1,0	1,6
CTC (mmol/dm ³)	39 – 139,0	58	37
Sat. por bases (%)	5,9 – 13,9	13,8	13,5
Sat. por Al (%)	16,4 – 85,9	57,0	57,4

M.O. = matéria orgânica; CTC = capacidade de troca catiônica; Sat. = saturação.

Modificado de Macedo (1995).

Estima-se que cerca de 80% dos 45 a 50 milhões de hectares da área de pastagens nos Cerrados do Brasil Central, que responde por 60%

da produção de carne nacional, apresentam atualmente algum grau de degradação (Barcellos, 1996).

Dentre as várias causas de degradação das pastagens, tais como, espécie forrageira não adaptada às condições locais, mau estabelecimento, manejo inadequado, a redução da fertilidade do solo (Kichel et al 1997), em razão dos nutrientes perdidos no processo produtivo, por exportação no corpo dos animais, erosão, lixiviação, fixação e acúmulo nos malhadouros, está entre os mais importantes. O somatório dessas perdas pode chegar a mais de 40% do total de nutrientes absorvidos pela pastagem em um ano de crescimento, o que provoca o empobrecimento contínuo do solo e a redução no crescimento das plantas.

Para Werner (1994), a redução da disponibilidade do nitrogênio é uma das principais causas da degradação das pastagens tropicais, o que resulta em queda acentuada da capacidade de suporte da pastagem e do ganho de peso vivo dos animais a cada ano de utilização. Uma alternativa no caso do nitrogênio, em sistemas pouco intensivos, seria o uso de pastagens tropicais consorciadas. Todavia, essa tecnologia ainda constitui um desafio para a pesquisa.

Esta situação tem contribuído para que a pecuária de corte apresente, há décadas, índices zootécnicos muito baixos (Corsi, 1986), com lotação das pastagens em torno de 0,5 UA/ha/ano e produtividade na faixa de 100 kg de peso vivo/ha/ano (uma unidade animal-UA equivale a um animal de 450 kg de peso vivo). Há portanto, necessidade de se evitar a degradação das pastagens e também intensificar a sua produtividade, a fim de tornar a pecuária de corte, principalmente nas terras mais valorizadas, mais rentável e mais competitiva frente a outras alternativas de uso do solo.

A produtividade animal em pastagens é determinada por dois componentes básicos: desempenho por animal (ganho de peso vivo) e capacidade de suporte (número de animais por unidade de área). O

desempenho animal é função da ingestão de matéria seca, da qualidade da forragem e do potencial genético de animal utilizado; a capacidade de suporte é função do potencial de produção de matéria seca da forrageira (Boin, 1986).

Quanto ao desempenho animal, a média de ganho de peso vivo, nas águas, está na faixa de 0,6 a 0,8 kg/animal/dia, podendo chegar a até 1,0 kg/animal por dia (Corsi, 1993). O desempenho animal é um componente importante a ser alcançado, pois baixos ganhos de peso vivo provocam longo tempo de engorda, com acentuado aumento nas necessidades totais de matéria seca (Tabela 3).

Tabela 3 - Matéria seca (MS) e digestibilidade da MS para satisfazer diferentes ganhos de peso de novilhos, desde 150 kg até 450 kg de peso vivo.

Ganhos diários (kg)	Pastejo (dias)	MS/dia (kg)	Dig. da MS (%)	MS Total (kg)
0,25	1200	6,10	57	7320
0,50	600	7,44	59	4464
0,75	400	7,63	67	3052
1,10	239	7,95	74	1903

Adaptado de Blaser (1982).

Embora a média de ganho diário de peso vivo obtida normalmente nas pastagens tropicais não reflita uma excelente qualidade de forragem, a produtividade animal pode ser elevada pelo seu grande potencial de produção de matéria seca no período das águas. A Tabela 4 ilustra o potencial de lotação dos pastos tropicais em função da produção de matéria seca das plantas e da eficiência de colheita da forragem pelo pastejo.

Tabela 4 - Potencial de lotação* de pastos tropicais.

Utilização da forragem (%)	Produção de matéria seca no verão agrostológico (t/ha)				
	10	20	30	40	50
40	2,1**	4,3	6,4	8,6	10,8
50	2,7	5,4	8,1	10,8	13,5
60	3,2	6,4	9,7	12,9	16,2
70	3,7	7,5	11,3	15,1	18,9

* Consumo de 1.850 kg MS/vaca no verão agrostológico.

** Unidade animal/ha

Fonte: Faria et al., citado por Silva (1996).

Para a obtenção de elevada quantidade de forragem, é necessário considerar que as gramíneas forrageiras são tão ou mais exigentes do que as culturas tradicionais (Silva, 1995). Desta forma, para a exploração intensiva das pastagens nos solos de cerrado, a correção e a adubação estão entre os fatores mais importantes a determinar o nível de produção das forrageiras. Tendo em vista a baixa fertilidade dos solos de cerrado, é necessário que se estabeleçam, inicialmente, níveis médios de fertilidade a serem alcançados, como possibilidade de viabilização técnica e econômica, dada a gradual capacidade de resposta dos solos no processo de recuperação.

Um aspecto importante é realizar a correção e a adubação de forma equilibrada, mantendo a proporcionalidade entre os nutrientes Ca^{+2} , Mg^{+2} e K^{+} , no complexo coloidal do solo, em 65-85% de Ca^{+2} , 6-12% de Mg^{+2} , 2-5% de K^{+} e 20% de H^{+} (Silva, 1995).

Calagem

Embora haja resultados contraditórios a respeito do efeito da calagem em gramíneas forrageiras tropicais (Vitti & Luz, 1997), parece

não existir dúvida da sua importância no caso de exploração intensiva das pastagens. Para Lopes (1983), Corsi & Nussio (1993) e Vitti & Luz (1997), a calagem deve ser a primeira prática de correção para inserir os solos de cerrado no processo produtivo, reduzindo a acidez, fornecendo Ca e Mg, aumentando a eficiência das adubações e a capacidade de troca catiônica (CTC). Trabalho de Lopes (1983) mostra a necessidade de calagem para elevar o pH dos solos de cerrado a valores acima de 5,5 para, efetivamente, ativar a formação de cargas negativas da fração orgânica do solo, aumentar a CTC e reduzir o potencial de perdas de cátions por lixiviação. Quanto ao critério da calagem, no Estado de São Paulo é utilizado o método da saturação por bases, em que a recomendação de calcário é obtida pela equação: $NC = (V2 - V1) \times T \cdot 10 \times PRNT$, sendo: NC = necessidade de calcário (t/ha) para a profundidade de 0-20 cm; V1 = saturação por bases atual (baseada no resultado da análise do solo); V2 = saturação por bases desejada; T = CTC a pH 7,0 e PRNT = poder relativo de neutralização total do calcário (%).

No caso de pastagens exploradas intensivamente, é indicado atingir valores de saturação por bases em torno de 70% (Vitti & Luz, 1997) e/ou superiores (Corsi & Nussio, 1993), mantendo assim o pH acima de 5,5.

A calagem na formação das pastagens é feita de forma semelhante à das culturas tradicionais, realizada 30 a 90 dias antes do plantio, de acordo com o PRNT do calcário e, parceladamente ou não, antes e após a aração, de acordo com a quantidade a ser utilizada. A fonte indicada é o calcário dolomítico e/ou magnesiano, que fornece Ca e Mg.

Após a formação da pastagem, em sistemas intensivos, as adubações, principalmente com sulfato de amônio, uréia e nitrato de amônio, aceleram o processo de acidificação, havendo necessidade de calagens de manutenção, que deverão ser realizadas em cobertura, após o período das águas.

Adubação com Fósforo (P)

A deficiência de P nos solos de cerrado é generalizada, o que compromete principalmente o estabelecimento das pastagens devido ao papel no desenvolvimento do sistema radicular e no perfilhamento das plantas. Nesta situação, a adubação fosfatada é considerada de vital importância, ocorrendo, de modo geral, maiores respostas em produção até a faixa de 200 kg de P_2O_5 /ha (Corrêa et al., 1996; Corrêa et al., 1997). As fontes mais eficientes são as solúveis, tais como o superfosfato simples (20% de P_2O_5), o superfosfato triplo (46% de P_2O_5), o fosfato monoamônio - MAP (50% de P_2O_5), o fosfato diamônio - DAP (46% de P_2O_5), vindo a seguir os termofosfatos (18% de P_2O_5) e os fosfatos parcialmente acidulados (25 a 30% de P_2O_5). Os fosfatos naturais brasileiros praticamente não contém P solúvel em ácido cítrico a 2% ou em água, não sendo indicados, principalmente em sistemas intensivos de exploração das pastagens.

De modo geral, são indicados como adequados teores de P no solo (resina) de 10 ppm (Werner, 1971) e também 20 ppm (Monteiro, 1994), cujas variações são, provavelmente, função do nível de exploração, potencial produtivo do solo e espécie forrageira.

Embora após o estabelecimento, com o maior desenvolvimento do sistema radicular das plantas, a resposta ao P seja inicialmente menos acentuada, devido à maior contribuição do P nativo (Corrêa & Freitas, 1997), há necessidade da adubação fosfatada de manutenção, a fim de garantir a produtividade e o teor mais adequado de P na forragem. Esta adubação é feita em cobertura, junto com as outras adubações e sua dosagem irá depender do nível de exploração e da dose de P aplicada no estabelecimento. Embora o P tenha baixa mobilidade no solo, pastagens, principalmente sob alta adubação, apresentam intenso desenvolvimento de raízes ativas na superfície do solo, o que permite a absorção eficiente do P aplicado em cobertura (Corsi & Nussio, 1993).

Adubação com Potássio (K)

O K tem ação fundamental no metabolismo vegetal, pelo papel que exerce na fotossíntese, atuando no processo de transformação da energia luminosa em energia química.

As gramíneas forrageiras são relativamente exigentes em K, sendo necessária a adubação com esse nutriente, principalmente em sistemas intensivos de exploração das pastagens, de modo a não limitar a resposta ao nitrogênio. De modo geral, o K deve ser elevado para níveis de 2 a 5% da CTC (Silva, 1995), dependendo principalmente do nível de exploração da pastagem. Teores de K menores do que 1,5%, na parte aérea das plantas, têm sido associados à deficiência desse nutriente.

A principal fonte de K é o cloreto de potássio (60% de K_2O), que deve ser aplicado parceladamente junto com a adubação nitrogenada. A relação N: K_2O de 1:1 tem sido indicada inicialmente nas adubações, quando os teores de K no solo são muito baixos. Em sistemas intensivos de exploração de pastagem, com a maior reciclagem do K por meio de partes mortas das plantas, perdas de pastejo, fezes e urina, esta relação poderá ser alterada com o tempo.

Adubação com Enxofre (S)

Os teores de S são freqüentemente baixos, principalmente em solos arenosos e pobres em matéria orgânica. Desta maneira, a adubação com S será necessária principalmente em pastagens exploradas com elevados níveis de nitrogênio e com adubos que não contenham esse nutriente (uréia, MAP, DAP, nitrato de amônio, nitrato de cálcio).

Haddad (1983), trabalhando com capim-colonião em solo de cerrado, verificou respostas acentuadas à aplicação de S (55 a 60 kg de S/ha) apenas quando também o nitrogênio foi aplicado na adubação.

De modo geral, é recomendada a relação N:S na adubação de pastagens de 5:1 (Malavolta, 1982). Também, as necessidades de S para

gramíneas forrageiras tropicais podem ser avaliadas pela análise do tecido foliar (Vitti e Novaes, 1986). Relações N:S na parte aérea > 20 têm sido associadas com deficiência desse nutriente e relação N:S = 11 a 13 e teor de S > 1,5% g/kg são considerados adequados.

O enxofre poderá ser fornecido juntamente com outros adubos, como o sulfato de amônio (24% de S), superfosfato simples (12% de S) e fosfatos parcialmente acidulados (6% de S). Outra fonte disponível é o gesso, que contém de 15% a 16% de S, sendo recomendada uma aplicação mínima de S de 30 a 40 kg/ha/ano, em pastagens bem supridas com nitrogênio e fósforo (Monteiro, 1995).

Adubação com Nitrogênio (N)

O nitrogênio é o nutriente geralmente mais deficiente no solo e o mais importante em termos de quantidade necessária para maximizar a produção de matéria seca das gramíneas forrageiras e, como consequência, propiciar maior lotação e maior produção de carne por hectare.

Cerca de 98% do N presente no solo é proveniente da matéria orgânica, todavia, devido à baixa taxa de mineralização nos solos, 10 a 40 kg de N/ha/ano (Guilherme et al., 1995) não são suficientes para sustentar elevadas produções, pois as gramíneas forrageiras tropicais têm potencial para responder a até 1800 kg de N/ha/ano (Chandler, 1973), com respostas lineares a até 400 kg de N/ha/ano, dependendo do solo, da espécie e do manejo. Todavia, a maior eficiência em seu uso somente ocorrerá quando os demais nutrientes estiverem em níveis adequados no solo e a pastagem for manejada adequadamente para que os animais aproveitem a forragem produzida.

As principais fontes de nitrogênio são: uréia (45% de N), que apresenta menor custo/kg de N, mas maior perda de N por volatilização; sulfato de amônio (20% de N), maior custo/kg de N, maior poder de

acidificação, menores perdas de N, além de ser fonte de S; nitrato de amônio (33% de N), maior custo/kg de N, higroscópico, menores perdas de N; e nitrocálcio (20 a 25% de N), maior custo/kg de N, muito higroscópico, menores perdas de N, e menor poder de acidificação.

A aplicação do adubo nitrogenado, no caso do pastejo rotacionado, deve ser feita, em cobertura, após a saída dos animais de cada piquete e em seqüência, de acordo com o período de ocupação. Assim, as aplicações são repetidas quatro a seis vezes em cada piquete, nas águas, de acordo com o período de descanso da pastagem.

Indicações gerais de correção e adubação, para iniciar a exploração intensiva em solos de cerrado de baixa fertilidade, são: calagem, para elevar a saturação por bases acima de 60%; adubação fosfatada, para elevar o teor de P no solo (resina) para 10-15 ppm; e adubação de produção, em torno de 1000 kg/ha da fórmula 20-5-20 ou similar, aplicada parceladamente quatro a seis vezes durante as águas; aplicação preventiva de micronutrientes (40 a 50 kg/ha de FTE BR-12 ou similar, a cada três anos); e calagem posterior (1 a 1,5 t de calcário/ha na seca).

Adubação com Micronutrientes

Com relação ao uso de micronutrientes em pastagens exclusivas de gramíneas, é relativamente pequeno o número de trabalhos experimentais e estes praticamente não mostram resposta à sua aplicação. Todavia, em sistemas intensivos de exploração das pastagens, a resposta provavelmente ocorrerá, devido aos baixos teores nos solos de cerrado, a maior extração pelas plantas, o uso de adubos mais concentrados e a condição de pH mais elevado, o que diminui a disponibilidade de alguns micronutrientes para as plantas.

Os micronutrientes mais deficientes nos solos de cerrados são o zinco, o boro e o cobre. Monteiro (1995) sugere (por ha): 3 a 5 kg de bórax, 4 a 6 kg de sulfato de cobre, 6 a 15 kg de sulfato de zinco e 0,2 a 0,3 kg de

molibdato de sódio. Na Embrapa Pecuária Sudeste, em sistema intensivo de pastagens de gramíneas, tem sido utilizado de forma preventiva o FTE BR12 (9% de Zn, 1,8% de B, 0,80% de Cu, 3% Fe, 2% de Mn e 0,10% de Mo), na dose de 50 kg/ha, a cada três anos. É um produto insolúvel em água, com liberação lenta dos micronutrientes, podendo ser aplicado junto com a adubação fosfatada no plantio e/ou com as adubações de produção.

Manejo das Pastagens nas Águas

Com a elevada produção de forragem obtida sob adubação intensiva, o sistema de pastejo rotacionado, que se caracteriza pela mudança periódica e freqüente dos animais de um piquete para outro dentro da mesma pastagem, é o mais indicado, por garantir maior uniformidade e eficiência de pastejo e maior controle do estoque de forragem. Esse sistema facilita, assim, a determinação da pressão ótima de pastejo (capacidade de suporte da pastagem), que é definida em termos de quilogramas de matéria seca de forragem ofertada por dia por 100 kg de peso vivo (% PV). Essa avaliação é importante, pois não são desejáveis tanto o excesso de animais em relação à forragem disponível (superpastejo), porque afeta a produção animal e prejudica a rebrota das plantas, quanto a falta de animais (subpastejo), porque propicia perdas de forragem. Há indicações (Hillesheim, 1988) de que as gramíneas forrageiras tropicais devem ser manejadas com pressões de pastejo (de acordo com a definição anterior) entre 6 e 9% de matéria seca total disponível, ou de 4 a 6% do peso vivo de matéria verde seca disponível, para que os animais atinjam consumo superior a 2% de peso vivo.

O número de piquetes de cada pastagem será função do período de descanso (PD) e do período de ocupação (PO), que pode ser obtido pela equação: Número de piquetes = $(PD / PO) + 1$. O período de ocupação deve ser de curta duração, de um a três dias, para garantir melhor rebrota das plantas e facilitar o controle da lotação da pastagem. O período de

descanso varia conforme a espécie forrageira, visando obter melhor equilíbrio entre produção e qualidade da forragem (Tabela

Tabela 5 Período de descanso para algumas gramíneas forrageiras utilizadas sob pastejo rotativo.

Gramínea	Período de descanso (dias)
Capim-elefante ¹	45 (35-45)
Capim-colonião ² e outras cultiv.	35 (30-35)
Capim-andropogon ³	30 (25-30)
Capim-braquiarião ⁴	35 (30-35)
Capim-braquiária ⁵	30 (25-30)
Capim-coastcross ⁶	25 (20-28)

¹ - *Pennisetum purpureum*

² - *Panicum maximum*

³ - *Andropogon gayanus*

Brachiaria brizantha cv.

Brachiaria distachya cv. C

Cynodon dactylon cv. C

Tabela 6 - Área de pastejo nas gramíneas forrageiras

Espécie cultivada	Área (cn) das forrageiras	
	iniciais entram na pastagem	da pastagem
Variedades de	60-180	
Capim-tobiatã ²	60-180	50-80
Capim-colonião	100-120	30-40
Capim-mombaça		40-50
Capim-andropogon-braquiarião	50-60	20-30
Capim-braquiarião	40-50	
Capim-braquiária		
Capim-coastcross		

A altura do resíduo após o pastejo é um indicador prático para evitar o subpastejo e o superpastejo, o qual é variável com as espécies forrageiras de acordo com suas características morfofisiológicas (Tabela 6).

Produção de Bovinos de Corte em Pastagens na Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos, SP

As pastagens foram estabelecidas em Latossolo Vermelho Amarelo e Vermelho Escuro distróficos, que apresentavam, inicialmente (1994), 2 ppm de P (resina) e 12% de saturação por bases (V%), nas áreas com pastagens de *Brachiaria brizantha* cv. Marandu (12 ha) e *Panicum maximum* cv. Mombaça (10 ha). Atualmente, com as correções e as adubações posteriores, os valores de P e V% na camada de 0-10 cm estão em torno de 15 ppm e 60%, respectivamente. Nas áreas com pastagens de *Cynodon dactylon* cv. Coastcross (14 ha) e *Panicum maximum* cv. Tanzânia (8 ha), os valores iniciais eram de 5 ppm e 36%, sendo atualmente de 20 ppm e 70%, respectivamente, para P e V%.

O sistema de pastejo é o rotacionado, com período de descanso de 36 dias e ocupação de três dias, com exceção da pastagem de capim-coastcross, em que o período de descanso é de 24 dias e a ocupação de quatro dias. A adubação de 1000 a 1500 kg/ha da fórmula 20-05-20 ou similar é aplicada parceladamente em seis vezes, durante as águas, no caso do capim-coastcross, e quatro vezes para as demais pastagens, totalizando 200 ou 300 kg de nitrogênio (N) por hectare por ano, conforme Tabela 7. A lotação é ajustada com animais extras, de acordo com a maior disponibilidade de forragem, que ocorre normalmente em janeiro, fevereiro e março, devido às condições climáticas mais favoráveis para o crescimento das gramíneas forrageiras tropicais. Tem sido obtido, em média, no período das águas, acúmulo de forragem de 2500 a 4000 kg de matéria seca/ha, a cada ciclo de pastejo, variando com a época, o nível de

Tabela 7 - Taxa de lotação e ganho de peso vivo (PV) de bovinos Canchim e cruzados Canchim x Nelore em diferentes pastagens na Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP, nas águas.

Gramínea (ano)	Nº de animais	Categoria	Adubação (kg N/ha)	Ganho de PV (kg/animal/dia*)	Ganho de PV (kg/ha)	Lotação média (UA/ha)**
Capim-tanzânia (96 ^a)	65	novilhas	200	0,680	803	5,8
Capim-tanzânia (97 ^a)	58	garrotes	300	0,820	909	6,4
Capim-tanzânia (98 ^a)	50	garrotes	300	0,850	935	8,5
Capim-coastcross (96 ^b)	121	novilhas	300	0,713	900	6,6
Capim-coastcross (97 ^b)	134	novilhas	300	0,600	780	7,6
Capim-coastcross (98 ^b)	205	novilhas	300	0,600	1040	8,5
Capim-mombaça (97 ^c)	75	novilhas	200	0,590	491	5,3
Capim-mombaça (98 ^c)	40	vacas com cria	200			5,0
Capim-braquiarião (97 ^d)	62	garrotes	200	0,680	437	4,0
Capim-braquiarião (98 ^d)	80	vacas	200			8,0

* Após jejum de 16 horas

** UA = unidade animal; equivale a 450 kg de peso vivo

a - *Panicum maximum* cv. Tanzânia

b - *Cynodon dactylon* cv. Coastcross

c - *Panicum maximum* cv. Mombaça

d - *Brachiaria brizantha* cv. Marandu

adubação, a fertilidade do solo e a espécie forrageira.

Os teores de proteína bruta obtidos são de 9 a 10% para o capim-marandu, 10 a 12% para o capim-tanzânia e o capim-mombaça, e de 12 a 14% para o capim-coastcross. Na Tabela 7 estão apresentadas informações sobre a produção por animal e por área, obtidas com essas pastagens sob adubação intensiva na Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos, SP.

As gramíneas não devem ser comparadas, pois existem variações quanto a solo, idade da pastagem, nível de adubação, categoria animal, etc., mas os resultados demonstram que diferentes gramíneas, desde que manejadas adequadamente, podem apresentar bom desempenho,

tanto em produção por animal quanto por área.

Estratégias de Manejo na Seca

Embora em sistema intensivo de uso de pastagens se consiga melhorar a produção do período das secas, em decorrência principalmente do efeito residual das adubações, a estacionalidade de produção da forragem, em razão de fatores climáticos, vai continuar ocorrendo, com valores na faixa de 10 a 20% da produção total anual, a menos que seja corrigida, em parte, com o uso de irrigação.

Na Tabela 8 está ilustrado o desempenho de bovinos da raça Canchim em pastagens de capim-tanzânia na Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos, SP, durante a seca, sem irrigação. Nesse período, com a redução do crescimento das plantas e a queda menos acentuada da qualidade da forragem com as temperaturas mais amenas, o período de descanso é prolongado para 60 dias, o que tem permitido, para o capim-tanzânia, um acúmulo médio de forragem de 20% do total anual, com teor de proteína bruta de 8 a 10% e com produção animal, no ano de 1997, mostrada na Tabela 8.

Tabela 8 - Taxa de lotação e ganho de peso vivo de bovinos Canchim em pastagem de capim-tanzânia na Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP, na seca.

Peso (kg)		Ganho de PV		Lotação Média
inicial	final	kg/animal/dia*	kg/ha	UA/ha
259	345	0,53	200	5

* Após jejum de 16 horas.

Desta forma, quando intensificarmos toda a área da propriedade, há necessidade de aliviar a lotação na seca ou dispor de um sistema de alimentação para este período de escassez de forragem. O número de animais a ser mantido na seca, fora das áreas de pastagens intensificadas, aumenta à medida que aumenta a produtividade das pastagens nas águas. O custo de alimentação desses animais durante a seca é um dos principais fatores a serem considerados na viabilização da intensificação da produção por unidade de área (Boin & Tedeschil, 1997).

A lotação poderá ser reduzida com a venda de animais de descarte no final das águas ou, principalmente, daqueles apresentando peso de abate. A venda desses animais no período de safra (preço por arroba mais baixo) é compensada pelo seu menor custo. Também pode ser feito ajuste, no caso da fase de cria, programando-se a parição para outubro (Corsi & Santos, 1995), combinando o período de maior exigência nutricional dos animais com a época de maior produção de forragem.

O confinamento pode ser uma alternativa interessante, que permite reduzir a lotação das pastagens e mantém a intensificação da produção pela possibilidade de venda de animais na entressafra, combinando maior preço, maior giro de capital e maior produtividade.

Se a decisão for de manter lotação mais elevada na pastagem, uma opção é a suplementação a pasto com volumosos, tais como cana-de-açúcar, silagem e feno. A Tabela 9 mostra o desempenho de novilhas Canchim e cruzadas Canchim x Nelore suplementadas com cana em pastagem de capim-tanzânia na Embrapa Pecuária Sudeste, na seca, em que foi possível manter lotação e obter desempenho animal relativamente elevados.

Outra estratégia interessante é a ensilagem, durante as águas, de parte da forragem do sistema intensificado, pois, além de fornecer volumoso para o período de escasse de forragem, permite racionalizar o

manejo das pastagens intensivas. Assim, quando não for viável ou prática a colocação de animais extras no período de maior crescimento das forrageiras (janeiro, fevereiro e março), o excesso de forragem poderá ser colhido para ensilagem para uso na seca.

TABELA 9 - Taxa de lotação e ganho de peso vivo (PV) de novilhas, Canchim e cruzadas Canchim x Nelore suplementadas com cana-de-açúcar em pastagem de capim-tanzânia na Embrapa Pecuária Sudeste, na seca.

Suplementação	Ganho de PV		Lotação Média
	kg/animal/dia*	kg/ha	UA/ha
Cana + uréia (1%)	0,34	238,5	3,5
Cana + uréia (1%) + 0,5 kg farelo. de algodão	0,48	307,8	3.8

* Após jejum de 16 horas.

Esta estratégia vem sendo estudada na Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos, SP, onde se tem procurado iniciar e manter, nas águas, lotação de 4,0 a 5,0 UA no sistema intensivo de capim-tanzânia, e, à medida que ocorre sobra de forragem, parte dos piquetes (cerca de 40% da área) é reservada para confecção de silagem. A forragem tem sido colhida com 50 a 55 dias de idade, com teor de matéria seca em torno de 23% e proteína bruta de 9 a 10%. A forragem é colhida mecanicamente, com colheitadeira de forragem com repicador, e colocada diretamente, sem pré-murchamento, em silo de superfície, sem aditivos ou com 8 a 10% de polpa cítrica peletizada, rolão de milho ou farelo de trigo.

À medida que inicia o período da seca e a forragem pastejada não é mais suficiente para manter a lotação de 4,0 a 5,0 UA, é iniciada a suplementação com a silagem de capim, o que tem ocorrido a partir de junho.

A silagem obtida tem sido de qualidade média e mesmo sem adição de aditivo tem apresentado consumo de 2% de matéria seca em relação ao peso vivo dos animais no último dia de pastejo, quando a disponibilidade de forragem na pastagem está mínima.

Com esta estratégia tem sido possível manter o sistema de recria-engorda intensificado o ano todo, com lotação em torno de 4,0 a 5,0 UA/ha, obtendo bovinos Canchim com peso de abate na faixa de 450 kg de peso vivo aos 20 meses de idade. A alimentação nas águas é somente forragem pastejada com média de ganho de 850 g por animal/dia, no caso de garrotes (15 a 21 meses) e na seca forragem pastejada, mais silagem do excesso de forragem das águas. Os resultados do período da seca estão na Tabela 10.

TABELA 10 - Taxa de lotação e ganho de peso vivo (PV) de garrotes Canchim em pastagens de capim-tanzânia na Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP, suplementados, com silagem, na seca*.

Suplementação	Ganho de PV		Lotação Média UA/ha
	kg/animal/dia**	kg/ha	
Silagem de capim*** + 0,5 kg de farelo de soja	0,44		4,0

* Trabalho em parceria com o Prof. Moacir Corsi/ESALQ e o Eng. Agro. Paulo Tosi

** Após jejum de 16 horas

*** Silagens com e sem aditivo

Também, a adubação de apenas parte das áreas de pastagens se mostra uma estratégia interessante para aumentar a eficiência da produção de carne. Segundo Palmério (1997), evita-se a desvantagem do grande aporte de investimento do sistema intensificado, serve de

treinamento de mão-de-obra e permite sobra de forragem para o período da seca, que sempre foi e continua sendo um dos grandes problemas da pecuária de corte no Brasil. Desta forma, a área intensificada pode receber durante as águas grande parte do rebanho da fazenda, pois podemos passar sem muita dificuldade, da lotação de 0,5 UA/ha nas pastagens extensivas para um mínimo de 4,0 a 5,0 UA nas águas na área intensificada. Podemos assim aliviar a lotação das áreas extensivas nas águas, permitindo acúmulo de forragem para uso na seca, que, combinados ou não com misturas múltiplas, suplementos, etc., podem proporcionar ganho de peso dos animais e aumentar a eficiência e a produtividade do sistema sem grandes investimentos

Também, com adubação de parte das pastagens, podemos reduzir drasticamente as áreas de pastagens, liberando áreas para produção de alimentos para o período da seca (cana-de-açúcar, silagem de milho, sorgo, culturas anuais e de inverno, etc.)

Além disso, a adubação das pastagens traz vantagens adicionais, que melhoram a eficiência do sistema como um todo: evita a degradação das pastagens, aumenta a disponibilidade de forragem na seca e de forma rápida no início das águas, aumenta o potencial produtivo do solo e promove maior reciclagem dos nutrientes.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, A. de O. Sistemas extensivos e semi-intensivos de produção: pecuária de bovino nos cerrados. SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO BIODIVERSIDADE E PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE ALIMENTOS E FIBRAS NOS CERRADOS8., 1996, Brasília: , 1996, p.130-136.

BLASER, R.E. Integrated pasture and animal management. *Tropical Grasslands*, v.16, n.1 p.9-24, 1982.

BOIN, C. Produção animal em pastos adubados. In: MATTOS, H.B.; WERNER, J.C.; YAMADA, T.; MALAVOLTA, E. ed. **Calagem e Adubação de Pastagens**. Piracicaba: Associação Brasileira para Pesquisa do Potássio e Fosfato, 1986. p. 383-419.

- BOIN, C.; TEDESCHI, L.O. Sistemas Intensivos de Produção de Carne Bovina. II. Crescimento e Acabamento. In: SIMPÓSIO SOBRE PECUÁRIA DE CORTE - PRODUÇÃO DO NOVILHO DE CORTE, 4., 1997, Piracicaba, SP. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1997. p.205-227.
- CHANDLER, J. Intensive grassland management in Puerto Rico. **Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia**, Viçosa, MG, v.2, n.2, p.173-215, 1973.
- CORSI, M. **Parâmetros para intensificar o uso das pastagens. Bovinocultura de corte:** fundamentos da exploração racional. Piracicaba:FEALQ, 1993. p. 209-231.
- CORRÊA, L.A.; FREITAS, A.R. de; EUCLIDES, V.P.B. Níveis críticos de P para o estabelecimento de quatro cultivares de *Panicum maximum* em Latossolo Vermelho Amarelo, Álico. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 33., 1996, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SBZ, 1996. p.169-170.
- CORRÊA, L.A.; FREITAS, A.R.; VITTI, G.C. Resposta de *Panicum maximum* cv. Tanzânia a fontes e doses de fósforo no estabelecimento. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 34., 1997, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: SBZ, 1997. v.2, p.190-192.
- CORRÊA, L.A.; FREITAS, A.R. Adubação fosfatada na produção e teor de fósforo em quatro cultivares de *Panicum maximum*. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 34., 1997, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: SBZ, 1997. v.2, p.157-159.
- CORSI, M. Pastagens de alta produtividade. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 8., 1986, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1986. p.499-512.
- CORSI, M.; NUSSIO, L.G. Manejo do capim elefante: correção e adubação do solo. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 10., 1993, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1993. p.87-116.
- CORSI, M.; SANTOS, P.M. Potencial de Produção do *Panicum maximum*. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 12., 1995, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1995. p.275-303.

GUILHERME, L.R.G.; VALE, F.R. do; GUEDES, G.A.A. **Fertilidade do solo: Dinâmica e disponibilidade de nutrientes**. Lavras: ESAL/FAEPE, 1995. 171p.

HADDAD, C.M. **Efeito do enxofre aplicado na forma de gesso, sobre a produção e qualidade de pastagem com capim-colonião (*Panicum maximum*)**. Piracicaba: ESALQ, 1983. 115p. Tese Doutorado.

HILLESHEIM, A. Manejo do gênero *Pennisetum* sob pastejo. In SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGEM, 9., 1988, Piracicaba **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1988. p.77-108.

KICHEL, A.N.; MIRANDA, C.H.B.; ZIMMER, A.H. Fatores de degradação de pastagens sob pastejo rotacionado com ênfase na fase de implantação. In: Simpósio sobre manejo de Pastagens, 14., Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1997, p.1993-211.

LOPES, A.S. **Solos "Sob Cerrado": Características, propriedades e manejo**. Piracicaba: Associação Brasileira para Pesquisa do Potássio e do Fosfato, 1983. 162p.

MACEDO, M.C.M. Pastagens no Ecossistema Cerrados: Pesquisas para o desenvolvimento Sustentável. In: SIMPÓSIO SOBRE PASTAGENS NOS ECOSSISTEMAS BRASILEIROS, 1995, Brasília, DF, **Anais...**, Brasília: Fundação Cargill, 1995. p.28-62.

MALAVOLTA, E. **Nitrogênio e enxofre nos solos e culturas brasileiras**. Centro de Pesquisa e Promoção do Sulfato de Amônio, 1982. 59p. (Boletim Técnico, 1).

MONTEIRO, F. A. Adubação para o estabelecimento e manutenção do capim elefante. In: SIMPÓSIO SOBRE CAPIM ELEFANTE, 1994, Coronel Pacheco. **Anais...** Coronel Pacheco: EMBRAPA-CNPGL, 1994. p.35-37.

MONTEIRO, F.A. Nutrição Mineral e Adubação. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 12., 1995, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1995. p.219-244.

- MONTEIRO, F.A. Nutrição Mineral e Adubação. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 12., 1995, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1995. p.219-244.
- PALMERIO, E.M. Gerenciamento de produção de carne a pasto. In: II Curso de Manejo de Pastagem. **Anais...** UBERABA: PIAR, 1997 P.184-''
- RODRIGUES, L.R. de A. Espécies forrageiras para pastagens: gramíneas. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 8., 1986, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1986. p.375-387.
- SILVA, S.C. da. Fisiologia vegetal aplicada ao manejo de pastos. São Paulo: Leite Paulista, 1996. Palestra proferida no curso "Atualização em Produção de Alimentos Volumosos para Bovinos Leiteiros". Leite Paulista, 11 a 15 de março de 1996.
- SILVA, S.C. da. Condições edafoclimáticas para a produção de Panicum sp. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 12., 1995, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1995. p.129-146.
- VITTI, G.C.; LUZ, P.H. de C. Calagem e uso do gesso agrícola em pastagem. In: SIMPÓSIO SOBRE ECOSSISTEMA DE PASTAGENS, 10., 1997, Jaboticabal. **Anais...** Jaboticabal: FCAJ/ UNESP, 1997. p.63-111.
- VITTI, G.C.; NOVAES, N.J. Adubação com S. In: MATTOS, H.B.; WERNER, J.C.; YAMADA, T.; MALAVOLTA, E. ed. **Calagem e adubação de pastagens**. Piracicaba: Associação Brasileira para Pesquisa do Potássio e do Fosfato, 1986. p.191-231.
- WERNER, J.C. Adubação de pastagens de Brachiaria spp. In: SIMPOSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 11., 1994, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ. 1994, p.209-266.
- WERNER, J.C. **Estudos sobre a nutrição mineral de alguns capins**. Piracicaba: ESALQ, 1971. 91p. Tese Doutorado.
- ZIMMER, A. H. & EUCLIDES FILHO, K. As pastagens e a pecuária de corte brasileira. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE PRODUÇÃO ANIMAL EM PASTEJO, 1997, Viçosa, **Anais...** Universidade Federal de Viçosa, 1997 p.349-379.